

**OS IRMÃOS DAS ESCOLAS CRISTÃS NA FRANÇA
&
O SERVIÇO EDUCATIVO AOS “ARTESÃOS E AOS POBRES”
MEDIANTE O ENSINO TÉCNICO**

Irmão Henri Bédel, fsc

Apresentação

O Irmão *Henri Bédel* nos presenteia com outro valioso resultado de suas pesquisas. Os leitores, habituados a lerem seus escritos, mais uma vez se deliciarão com sua exposição clara, seu estilo deleitável, seu rigor acadêmico e sua visão perspicaz. Esta visão sutil, se faz sentir tanto na intuição profunda do passado, na interpretação do presente, bem como em seu otimismo justificado em face do futuro, na situação atual da realidade francesa; e também no conhecimento profundo das grandes conjunturas do Instituto, que soube sintetizar em poucas páginas. Para os leitores de suas obras na Coleção *Études Lassalliennes*, esta obra pode ser considerada como o aprofundamento de um aspecto muito concreto, que o próprio título deste caderno já expressa.

O leitor que tiver a oportunidade de ler, pela primeira vez, uma obra do Irmão *Henri Bédel*, se encantará com seu excelente estilo de tratar o tema. Os circunstanciais particulares que são descritos (fatos históricos, lugares geográficos, leis sobre a educação, legislação escolar do passado e do presente, as inevitáveis siglas... não serão empecilhos para apreciar a apurada história, desde as origens até os nossos dias. Esta será uma ampla porta de entrada para outras obras gerais do mesmo autor, especialmente das mais recentes, publicadas sobre a História do Instituto.

Os altos e baixos e vicissitudes do ensino técnico na França, refletem extraordinariamente o mesmo destino que o Instituto teve e tem no país. Nascimento, morte e ressurreição vão-se sucedendo, em certas ocasiões, tanto naquilo que se refere às obras concretas como à própria “obra de Deus”. Nos períodos de maior estabilidade, assistimos a uma prodigiosa adaptação, porque este era o único imperativo de sobrevivência. Mas o sobreviver, por si mesmo, não teria sentido – é isto que fazem os organismos humanos, que entendem os êxito de outra maneira - : só encontra seu sentido no âmbito da missão, da salvação, do relato pessoal, quando deixamos que as histórias sejam contadas pelos beneficiários das ações, e as impossibilidades são conjuradas pelo zelo de alguns Irmãos que fundamentam sua vida sobre a missão. Seu zelo é seu milagre. “*Citius, Altius, Fortius*” não são unicamente as palavras que figuram em todas as olimpíadas: elas, com toda certeza, representam toda a tradição lassalista: “*mais rápido, mais alto, mais forte*”.

Quando falamos de uma adaptação sábia, os Irmãos, e, hoje em dia, tantos leigos heróicos, são campeões. Quando os objetivos são claros e nobres – revejam o título – não há resistências que não possam ser superadas. Aquilo que se atribui ao próprio São João Batista de La Salle, na capa deste caderno, em relação com o alcance utilitário e futuro da educação que propõe, pode aplicar-se sem reserva a todos os continuadores de suas obras. Numerosos exemplos nos pro-

vam que não se trata absolutamente de continuar a subsistir em face de tantas ameaças ou mudanças. A obra lassalista sempre se renova por um “plus” que a torna única, exclusiva. Por uma boa razão, assim como os deuses¹, a herança lassalista não suporta a ética do “mínimo”. Talvez seja este um dos segredos de sua expansão constante e de seu vigor.

Um dos êxitos deste caderno é a introdução, na sua parte final, do testemunho de alguns Irmãos e leigos na sua luta para oferecer uma educação acessível aos necessitados, a uma educação de qualidade na qual os agentes se comprometem até as últimas conseqüências. O leitor estabelecerá os vínculos pessoais e sentimentais inevitáveis, comparando os testemunhos atuais com aqueles de sua realidade mais próxima, e se alegrará com ver que as mesmas emoções e sentimentos são denominadores comuns nos lassalistas, quando são capazes de se derreterem como cera, numa missão que se consome dando a vida. Está ali o paradoxo evangélico!

¹ Nas edições francesa e espanhola, o terceiro parágrafo inicia com “avatares et/ y vicissitudes...”. Já o inglês inicia com “Ups and downs of Technical education”. A referência a “deuses”, neste parágrafo se justifica pela definição de “avatar”: Na crença hinduísta, descida de um ser divino à terra, em forma materializada. [Particularmente cultuados pelos hindus, são Krishna e Rama, *avatares* do deus Vixnu. O avatares podem assumir a forma humana ou a de algum animal]. Para quem interessar, no Google há mais informações – Avatar, em português, pode se traduzido por: “processo metamórfico, uma transformação, uma mutação, Altos e Baixos”. - Na tradução optou-se pela locução “Altos e baixos, como em inglês, de significado mais acessível para todos. Aliás, a “apresentação” não é da autoria do Irmão *Henri Bédel*. Ela, geralmente, é redigida pelo Irmão Alfonso Novillo. (*Nota do tradutor*).

Introdução

As primeiras iniciativas de São João Batista de La Salle, que, cerca de 1680, redundaram na fundação do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, se ligavam aos esforços empreendidos em certos meios cristãos, para incrementar a escolarização das crianças pobres. O objetivo colimado era propiciar a essas crianças uma educação cristã, facilitando-lhes, ao mesmo tempo, o acesso aos rudimentos da instrução e do saber fazer. No mesmo tempo, pessoas ligadas aos mesmos ambientes, tinham em vista permitir a essas crianças que se preparassem depois, para seu futuro profissional pela “aprendizagem profissional” organizada no seio das corporações de ofícios. Os mestres-artesãos aos quais os aprendizes eram confiados, tendo que ser remunerados por este serviço e indenizados pelos gastos que isto acarretava, pessoas generosas supriam as quantias exigidas, em substituição aos pais que não podiam arcar com as despesas. Este sistema de aprendizagem profissional, efetivamente, era então o único proceder que, naquela época, capacitava para chegar a ser um artesão qualificado.

Fica assim evidente um fato duplo. Primeiro, que nessa época, a escolarização e o ensino profissionalizante eram considerados como identicamente importantes para a formação dos filhos das “famílias pobres”. Segundo, que estas duas modalidades de formação dos filhos do “pobres” eram nitidamente diferenciadas.

Durante o século XVIII, estas duas modalidades de formação foram mantidas e mantiveram sua importância para os filhos das famílias do meio popular. Igualmente, na mesma época, para os jovens, filhos de famílias de “melhor situação” econômica, diversos teóricos da pedagogia solicitaram que um ensino mais concreto e científico fosse instituído, ao lado das “humanidades” ensinadas nos colégios da época. Com este objetivo, foram fundados estabelecimentos de ensino que ministravam uma formação de nível superior: Escolas de Navegação, Escolas Militares, Escolas de Metalurgia, de Pontes e de Estradas, de Artes e Ofícios...(Cf. *André Prévot: L'Enseignement Technique chez les Frères des Écoles Chrétiennes au XVIII e au XIX siècles*, 41). Os Jesuítas, até a supressão de sua Ordem, mantiveram várias Escolas desta categoria.

Durante a Revolução Francesa, estalada em 1789, foram estabelecidos muitos planos para organizar um sistema de ensino controlado e financiado pelo Estado. De fato, durante esse tempo, os esforços despendidos anteriormente para escolarizar os filhos da classe popular foram reduzidos a nada. Quanto à formação profissionalizante desses jovens, ficou garantida pelo ensino próprio de cada profissão. Mas esse sistema foi desorganizado pela supressão das corporações de ofícios. Pelo contrário, as “*Grandes Écoles*”, como eram denominadas a partir de então, foram mantidas; a futura Escola Politécnica era criada em 1794.

Napoleão Bonaparte organizou um sistema de ensino que foi mantido pela monarquia restaurada. A lei escolar de 1833, denominada de *Lei Guizot* rematou essa tarefa para o ensino primário e, com o ensino secundário se deu o mesmo com a *Lei Falloux*, de 1850. No referente à formação profissional ou vocacional, nada foi modificado, tampouco no referente aos estabelecimentos que ministravam treinamento técnico superior. Por outro lado, em 1848, um Decreto do Governo Provisório, criado em consequência da Revolução de fevereiro, pôs as bases do Ensino Agrícola.

Na segunda metade do século XIX, a França se industrializou. Para facilitar aos jovens das classes populares a preparação para seu futuro, paralelamente à escolarização, um ensino profissionalizante começou a ser ministrado nos estabelecimentos escolares. Também nos esta-

belecimentos de nível secundário foi iniciado o ensino de caráter “técnico”. Estas formas de ensino se desenvolveram no início do século XX, com a segunda revolução industrial baseada nas aplicações da eletricidade e a utilização do petróleo.

Em 1919, a *Lei Astier* organizava o Ensino Técnico. O que esta lei contém de mais significativo é que, apesar de manter o sistema tradicional de formação profissional, ela principalmente visa a garantir a formação profissional dos jovens nos estabelecimentos escolares, tanto nos de Ensino Público como nos Particulares “reconhecidos”, em razão de iniciativas prévias nesta área para este tipo de instituições. Mediante uma tal organização do Ensino Técnico, a França se diferenciava de outros países, como a Alemanha ou a Suíça, que continuavam a privilegiar a formação profissional mediante o ensino técnico. A *Lei Astier* começou a produzir seus frutos no período entre guerras. Mas foi sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial, na fase de reconstrução do país, e no tempo de prosperidade que se seguiu, que o ensino técnico conheceu uma grande expansão na França.

É dentro deste marco que a ação dos Irmãos se situou durante os diferentes períodos que acabamos de lembrar. Uma primeira parte deste estudo versa uma revisão da contribuição do Instituto no surgimento e no progresso do ensino técnico, do século XVIII até a metade do século XX. Numa segunda parte se dedicará mais especificamente a evidenciar sua participação na expansão dessa forma de ensino depois da Segunda Guerra Mundial.

Todavia, antes de abordar o primeiro desses dois aspectos, deve ser dado um esclarecimento. Quer seja no título geral deste caderno, ou nos títulos das duas partes da explanação, sempre estamos falando de “Ensino Técnico”. Trata-se de uma locução que inclui dois tipos de formação destinados à preparação dos jovens para seu futuro profissional. É desta forma que esta locução engloba aquilo a que já foi aludido: “Ensino Profissionalizante” e aquilo que se pode designar como “Ensino Secundário Técnico”. Os dois se diferenciam pelo fato de que o primeiro é mais prático, e que o segundo que atualmente se designa como “Ensino Técnico”, é mais teórico.

1. Os Irmãos e o Início do Ensino Técnico na França

Últimos anos do século XVII e século XVIII

Desde os primórdios de seu Instituto, os Irmãos desempenharam sua atividade na área escolar. Inversamente, eles não se inseriram no sistema de formação para o aprendizado profissional, que dependia das corporações de ofícios. Todavia, eles não se desinteressaram pelo futuro de seus alunos. Em sua tese, *André Prévot* pôde escrever: “Com João Batista de La Salle, o ensino adquire um alcance utilitário nitidamente bem definido. O ensino é pensado como preparação do futuro. Mas, pensar o futuro entre os pobres, só é concebível em termos de ofício, de trabalho, de emprego” (*Página 13*). Exemplificando, no Guia das Escolas Cristãs, redigido por La Salle e seus primeiros Irmãos mais qualificados, para servir de guia pedagógico, consta previsto ‘que se ensinará aos alunos mais adiantados uma modalidade de escrita rápida, copiando “documentos manuscritos, também chamados de registros, mais especificamente notificações judiciais, contratos, certidões de notários de diferentes modalidades’ (*cit. página 15*).

Quando, em 1688, os Irmãos chegaram a Paris para assumirem a escola da Paróquia de *Saint Sulpice*, essa escola abrangia um artesanato onde os alunos trabalhavam durante uma parte do dia. De acordo com as conceituações da época, o objetivo era ensinar aos meninos, adolescente e jovens a sair da ociosidade, realizando um trabalho, e não proporcionar-lhes um aprendizado de uma profissão. Por outro lado, quando a pedido do pároco de *Saint Sulpice*, em 1689, La Salle criou uma Escola Dominical, denominada *Academie Chrétienne*, para “jovens com menos de 20 anos de idade” que trabalhavam durante a semana (*Cahier Lasallien 7, 359*) esta era mais diretamente orientada para a formação profissional. Com efeito, “os menos adiantados aprendiam a ler e a escrever. Aos outros ensinava-se aritmética, e a vários outros também Desenho” (*André Prévot, pág. 15*). Mas essa instituição foi efêmera.

Quando, em 1705, La Salle decidiu implantar em *Rouen* o centro de seu Instituto na casa de *Saint-Yon*, não demorou que aceitasse receber nessa casa, na condição de pensionistas, rapazes filhos de famílias mais remediadas financeiramente, da cidade e dos arredores. Os pais desejavam que seus filhos, não somente recebessem uma boa educação cristã, mas que também fossem preparados para a profissão que elas mesmas exerciam; essa profissão era sobretudo relacionada com o comércio. Os Irmãos tiveram que criar um ensino adaptado. Esse ensino, ao mesmo tempo prático e teórico, prefigurou aquele que, posteriormente, se pôde denominar de “Ensino Secundário Técnico”.

Após a morte de seu Fundador, em 1719, e até a Revolução de 1789, os Irmãos prosseguiram de maneira bastante semelhante naquilo que acabamos de lembrar brevemente. Dedicados, na maioria, às escolas elementares, eles continuavam a considerar o ensino que ministravam a seus alunos, como um modo compreensível de prepará-los para sua futura profissão. Eles se mantiveram sempre fora do sistema de formação profissional baseada no aprendizado da profissão em que seus alunos ingressassem após os anos de escolarização.

No século XVIII, alguns Irmãos - no máximo uma meia-dúzia simultaneamente - nos *Hôpitaux Généraux de Rouen, Avignon e Grenoble*, foram encarregados da educação de jovens abandonados que ali se achavam recolhidos. Dentre suas atribuições, os Irmãos tinham de supervisionar esses rapazes nos artesanatos industriais onde executavam diversos trabalhos de fabricação têxtil. Assim como na escola de *Saint-Sulpice*, a intenção era habituá-los ao trabalho, e não formá-los para uma profissão. A prova disto é que, em seguimento, um certo número desses jovens eram colocados como aprendizes, às expensas de alguma pessoa generosa ou uma obra de caridade.

Ao longo do século XVIII, em algumas de suas escolas, os Irmãos franquearam “turmas ou classes especiais”, ou após as aulas elementares, os alunos recebiam uma formação mais avançada. Essa formação era orientada para a exercitação em profissões, de acordo com atividades locais mais salientes. Este era o caso, notadamente, nos portos, onde as atividades giravam em torno das transações comerciais: comércio, tráfico marítimo...Assim, por exemplo:

- Em *Boulogne sur Mer*, uma classe que ministrava ensino do tipo comercial, foi aberta em 1744.
- Em *Brest, Vannes, Lorient, Saint-Malo*, foram proporcionados cursos de “hidrografia, navegação, matemática “(*André Prévot*).

Além disso, tais classes preparavam para os empregos ou serviços públicos, relacionados com o comércio e a engenharia civil : construções, rodovias, serviços municipais...

- Em 1753, uma benfeitora garantiu os recursos necessários para manter um Irmão para ensinar “desenho” na escola municipal da paróquia de *Saint-Sulpice*.
- Em *Cahors*, em 1763, chegou um Irmão para ensinar “arquitetura e planimetria”.
- Em *Castres*, a partir de 1769, se ensinava “aritmética comercial, registro de contabilidade (guarda-livros), geometria prática”.

Assim como na antiga “escola dominical”, o ensino assim ministrado nessas “classes especiais”, tinha um caráter profissionalizante.

Ao mesmo tempo, os Irmãos abriram uma dezena de pensionatos segundo o modelo de *Saint-Yon*. Em matéria de ensino, os objetivos permaneciam os mesmos que neste de *Saint-Yon*. Assim como nas “classes especiais”, a formação dada era sempre relacionada com a atividade econômica local.

- Nos portos, como *Marseille, Nantes*, formava-se principalmente para a administração e o manejo dos navios para a cabotagem.
- Nos principais pensionatos, a formação dada se relacionava principalmente ao exercício do comércio. Muitas vezes era incluída a formação para a agrimensura, a arquitetura. Este foi igualmente o caso no colégio *Saint-Victor*, em *Fort-de-France (Martinica)* assumida pelos Irmãos em 1777.

Na formação dada nesses pensionatos, esmerava-se nas aplicações práticas, mas o ensino teórico era mais adiantado, e tinha mais o caráter científico que nas classes especiais. Nisto os Irmãos coincidem com aqueles que, então, preconizavam a instauração de tipo semelhante de ensino nos colégios.

Século XIX

No final da Revolução, os progressos realizados ao longo do século XVIII na área da escolarização dos filhos da classe popular se haviam reduzido a praticamente nada. Um novo esforço teve que ser empreendido para restabelecer a escolarização. Quando Napoleão Bonaparte decidiu reorganizar o ensino na França, naquilo que se refere ao ensino primário se valeu do concurso dos Irmãos das Escolas Cristãs, que se estavam agrupando novamente após a dispersão durante a Revolução, e que já contavam com o ingresso de novos membros. Durante a Monarquia Restaurada, eles continuaram a participar no restabelecimento de uma rede de escolas elementares. Durante esse tempo, os Irmãos retomaram seu ensino nas mesmas bases do século XVIII. O *Guia das Escolas Cristãs* foi reeditado em 1811. Foi revisado em 1834, para tomar em conta a Lei *Guizot*, de 1833. Foi assim que, notadamente o ensino do Desenho, então denomina-

do de “linear” – ou mais exatamente: “geométrico”, foi introduzido nos programas das classes primárias. Por outro lado, os objetivos estabelecidos pelos Irmãos em seu ensino, não foram modificados, por isso continuaram a considerá-lo como forma de preparação para o futuro profissional de seus alunos.

Para os Irmãos, com certeza, o ensino que ministravam era uma preparação direta de seus alunos para o ingresso na vida profissional. Quer se tratasse das escolas primárias, mas também dos pensionatos, não se visava a que os alunos prosseguissem em outros estudos. Nos países onde o Instituto começava a se expandir, os Irmãos, muitas vezes, vindos da França, difundiram esse modelo. Todavia, no meio do século, quando os Irmãos chegaram aos Estados Unidos, muito em breve, por solicitação dos bispos, foram compelidos a proporcionar, além do ensino nas escolas primárias, um ensino preparatório para o ingresso nos seminários - correspondentes àqueles que na França eram denominados de “Grands Séminaires” - ou o ingresso nas universidades. Por esta razão, os Irmãos tiveram que introduzir o ensino das línguas clássicas: latim e grego. - Nos últimos anos do século, isto acarretou uma forte tensão com os superiores do Instituto que tentaram terminar com essa exceção, para voltar à aplicação estrita da Regra, que proibia o estudo e o ensino do latim aos Irmãos.

Além disso, a formação nas diferentes profissões continuava baseada no estágio de aprendizado, apesar de a Revolução ter cancelado as corporações. Como no século XVIII, os Irmãos ficaram de fora deste sistema de formação. Mas, a partir dos anos da década de 1830, em diferentes meios operários, abriram classes no turno da noite, onde operários adultos recebiam uma formação escolar e profissional. O Irmão *Philippe (Matthieu Bransiet)*, então diretor em *Saint-Nicolas-des Champs*, em Paris, deu um verdadeiro impulso a esses cursos para adultos, para os quais redigiu um “*Abrégé de géométrie pratique appliquée au dessin linéaire*”.

Depois de sua nomeação para Superior do Instituto, em 1838, o Irmão *Philippe* se preocupou e interessou também pela situação dos jovens aprendizes. Um leigo cristão, *Albert de Mun*, solicitou a cooperação do Instituto em favor de uma “*Oeuvre des apprentis et des ouvriers*” (Obra para aprendizes e operários). Os membros benevolentes dessa obra formavam “Comissões de Patrocínio), que colocavam os aprendizes nas oficinas de patrões confiáveis e iam visitá-los nos locais de trabalho. Os Irmãos, por sua vez, organizaram cursos noturnos para esses aprendizes, e os reuniam nos domingos, para facilitar-lhes a prática religiosa e proporcionar-lhes atividades de lazer. Em Paris, os Irmãos assumiram também uma “casa de aprendizes”, onde os que eram admitidos recebiam alojamento, e onde, um certo número deles recebiam formação profissional, enquanto outros iam para as oficinas de seus patrões.

Durante o período em que o Irmão *Philippe* esteve à frente do Instituto (1838-1874), em certo número de escolas, “um ensino complementar” de caráter prático foi criado nas classes de nível acima do ensino elementar. Por exemplo:

- Em 1837, em *Montpellier*, foi aberta uma classe de preparação para o ingresso nas escolas de “Arts et Métiers” (*Artes e Ofícios*) que as autoridades públicas tinham criado nessa época.
- Um curso de Ensino Agrícola foi instituído em 1843, em *Quimper*, no centro educacional denominado “*des Likès*”.
- Em 1853, uma classe de Desenho foi aberta em *Saint-Omer*.

A par desses, estabelecimentos especializados em diversas áreas profissionais foram surgindo. Assim

- Em Paris, um curso de ensino comercial iniciou em 1843, na *Rue des Francs-Bougeois*.
- Em *Lyon*, ‘iniciou uma escola especializada, formada por uma seleção de alunos mais competentes’ (Arquivos da Província da França “*Notes historiques du District de Lyon*”).
- Cerca do ano de 1844, os Irmãos foram chamados a *La Saulsaie*, próxima de *Lyon* para lecionarem num “*Institut Royal d’Agriculture*”.
- Em 1859, os Irmãos assumiram os dois estabelecimentos (*Vaugirard* e *Issy-les-Moulineaux*) que formavam então a “*Obra Saint-Nicolas*”, fundada por um eclesiástico, onde rapazes em situação familiar problemática, recebiam formação para vários empregos de caráter industrial ou agrícola. Em 1863, a este foi acrescido um estabelecimento de Horticultura, como o já criado em *Ignny*, onde os Irmãos tinham chegado em 1860 (Cf. *G. Rigault V, 413*).

Após um eclipse de perto de 40 anos, os Irmãos abriram novamente pensionatos. O primeiro deles foi o de *Béziers*, em 1831. O de *Passy*, às portas de Paris, iniciou em 1838. Em *Lyon*, em 1839, foi criado um pensionato na antiga casa dos Lazaristas, motivo do nome dado ao estabelecimento. As fundações de pensionatos mantidos pelos Irmãos, em localidades onde já os havia anteriormente, como *Marseille* e *Nantes*, ou em novos, ocorriam gradativamente. Os pensionatos típicos, além do ensino que servia de padrão no nível “secundário especial”, criado pelo Ministro *Duruy*, em 1865, eram ministrados outros cursos, orientados para diferentes ofícios ou áreas de trabalho, principalmente formação para o comércio, a indústria, a agricultura. Esse ensino podia ser de caráter mais profissionalizante, pelo fato de preparar diretamente para o trabalho, ou secundário “técnico”, quando se dava mais destaque à formação técnica, e esta prevalecia, pois preparava para o ingresso nos estabelecimentos de ensino técnico superior: Escola de Metalurgia, de Pontes e Estradas, de Artes e Ofícios.

No último quarto do século XIX, entre 1886 e 1891, os Irmãos foram progressivamente excluídos das escolas públicas da França. Contudo, eram autorizados a prosseguir em suas atividades nas escolas particulares. Esta situação provocou também a criação dos “pequenos pensionatos”. Amiúde, assim como em outras escolas, nestas continuava incluída uma classe, por vezes várias, em que se ministrava um ensino direcionado para a prática, em diversas áreas. O ensino assim oferecido contribuía para a elevação do nível de formação daqueles que disso se beneficiavam, e por isso, ao desenvolvimento das regiões, notadamente agrícolas, onde essas escolas se localizavam.

A par dos estabelecimentos já existentes, como os pensionatos, os Irmãos abriram outros, de variados níveis de ensino, que naquele tempo, podiam ser classificados de “Ensino Profissionalizante”, ou de “ensino secundário técnico”, ainda que nem sempre fosse possível distinguir um do outro.

O Ensino Comercial continuou a ter um lugar importante nos estabelecimentos de ensino dos Irmãos:

- Nos anos da década de 1880, os Irmãos mantinham, em *Paris*, quatro escolas comerciais, denominadas de “superiores”, cujos programas se estendem por dois anos.
- Em *Lille*, em 1880, foi aberta uma “Escola Católica de Comércio”. Esse estabelecimento oferecia programas com a duração de três anos de estudo.

Em 1900, os Irmãos ministravam cursos especiais de ensino comercial em 82 escolas.

Quanto às transações comerciais, nos diferentes portos, os Irmãos continuavam a qualificar seus alunos para o acesso à marinha. Assim:

- Em *Lorient*, de 1873 a 1880, os Irmãos assumiram a escola dos aprendizes do porto.
- Outros estabelecimentos foram abertos: em *Paimpol* (1892), *Saint-Malo* (1893), *Brest* (1896).

Com o início da industrialização na França, o ensino industrial se tornou muito importante. Os Irmãos o incluíram nas programações de vários de seus estabelecimentos.

- Em *Lyon*, visando a proporcionar uma formação técnica imbuída de fé, em 1880, foi instalada a Escola De La Salle.
- Na Escola *Sainte-Barbe*, de *Saint-Etienne*, em continuação do ensino geral ministrado na escola, os alunos receberam formação prática em empresas industriais ou coordenados por artesãos. Na mesma cidade, um curso criado pelo Irmão *Rodolfo* (*Jean-Achille Sogno*) preparava os candidatos para as Escolas de Metalurgia.
- Em *Douai* (Norte), em 1875, na Escola dos Irmãos, foi criado um curso, com o objetivo de formar “bons operários cristãos”,
- Em *Reims*, em 1880, foram abertas oficinas, e em 1894, criada uma seção Industrial superior.
- Escolas do mesmo tipo foram abertas em *Aix-en-Provence*, *Toulon*, *Roanne* (Loire), *Fourchambault* (Nièvre).

Diversos Estabelecimentos preparavam para o ingresso nas Escolas de Artes e Ofícios, destinados a gerentes de oficinas ou subgerentes em empresas industriais. Em *Lille* surgiu um projeto de abrir uma escola católica deste tipo e confiá-lo aos Irmãos das Escolas Cristãs, mas estes declinaram do convite. Finalmente, um projeto idêntico teve êxito em *Reims*, em 1900.

O Ensino Agrícola teve mais e novos incrementos junto dos Irmãos:

- Foram criados cursos de agricultura em diversos pensionatos, como os de *La Roche-sur-Yon* (Vendée), de *Longuyon* (Meurthe et Moselle), que continuou aquele de *Beauregard* perto de *Thionville*, fechado em 1874, em consequência da anexação do Departamento de *Moselle* ao Império Alemão.
- O orfanato de *Limoux* (Aude), assumido pelos Irmãos em 1872, tornou-se uma verdadeira escola agrícola nos anos finais do século. O estabelecimento de *Limonest*, próximo de *Lyon*, foi confiado aos Irmãos em 1895.

Diretor do estabelecimento de *Laurac*, o Irmão *Serdieu*, introduziu mudas variegadas de videiras americanas para controlar eficazmente os efeitos da filoxera-da-videira, e combateu a doença do verme da seda, graças aos aconselhamentos de Pasteur. Além disto, o Instituto Agrícola de *Beauvais*, aberto em 1855, para formar agricultores e professores de técnicos agrícolas, continuou proporcionando um ensino superior neste ramo. Em 1900, nos estabelecimentos dos Irmãos, e numerosas seções especializadas se ministrava ensino agrícola.

Primeira metade do século XX

O ano de 1900 marcou uma espécie de apogeu para os Irmãos das Escolas Cristãs. Seu fundador foi canonizado. Na exposição universal de Paris, os estabelecimentos dos Irmãos conquistaram numerosos prêmios, especialmente atinentes às suas realizações nas áreas da prática. Mas a lei de 7 de julho de 1904, que proibiu o ensino aos membros das Congregações Religiosas na França, e visava ao fechamento dos estabelecimentos dos Irmãos dentro de um prazo de 10

anos, acarretou um eclipse do Instituto no país todo. Irmãos que não davam sinais exteriores de seu caráter de religiosos, contudo, continuaram a manter um certo número de estabelecimentos. Foi assim que vários deles, dentre o quais aqueles que garantiam o ensino profissionalizante ou secundário técnico, conseguiram manter-se. Outros Irmãos, se exilaram ou foram expatriados, e fundaram estabelecimentos em países vizinhos. Tal foi o caso, por exemplos, da Escola de Artes e Ofícios de *Reims*, que em 1911, se estabeleceu em *Erquelines*, na Bélgica. Irmãos que se expatriaram para países onde o Instituto já estava presente, ou que o implantaram em outros, contribuíram para a expansão daquilo que se pode denominar de “modelo francês” no referente ao ensino dado pelos Irmãos e a preparação para o ingresso dos alunos no mercado do trabalho, em suma, na vida ativa.

Após a Primeira Guerra Mundial (1914 a 1918), os Irmãos reencontraram uma situação mais normal na França, apesar de a lei de 1904 ainda não estar abolida. A lei de 1919, com a organização do ensino técnico, favoreceu a manutenção dos estabelecimentos existentes, ou a asunção de um certo número de novos. Essa lei, sobretudo, permitiu a multiplicação de oficinas destinadas à formação profissionalizante aos alunos que já tivessem concluído seus estudos primários e fundamentais. Já, desde o final do século XIX, esse tipo de oficinas haviam sido criadas em estabelecimentos mantidos pelos Irmãos, com o objetivo de complementar a formação dos alunos que freqüentavam um ensino fundamental superior. Nesses estabelecimentos que sobravam se adotou uma nova orientação. Outros, que haviam desaparecido, principalmente devido à lei de 1904, foram restabelecidos nesta mesma óptica – como, por exemplo, em *Douai*, em 1937. Foram criados novos, como o de *Dole* (Jura), em 1919. Essas oficinas-escolas, habitualmente eram pensadas para ensinar marcenaria, ou mecânica manual. Algumas começaram a equipar-se com máquinas. Abriam-se também setores de contabilidade, que eram equipados com máquinas de escrever da época. O novo desenvolvimento que lá se visualizava foi entravado pela Segunda Guerra Mundial que iniciou em 1939. O fim do conflito, em 1945, foi seguido de uma ampla expansão que merece ser apresentada.

2. Os Irmãos e o Desenvolvimento do Ensino Técnico, na França, depois da Segunda Guerra Mundial

No final do século XIX e na primeira metade do século XX, o esmero com que os Irmãos se dedicavam para preparar seus alunos com vistas no futuro profissional deles, se traduziu na França, muito especialmente, pela introdução do ensino profissionalizante e secundário técnico, em alguns dos seus estabelecimentos educacionais. Após a lei de 1904, os Irmãos “secularizados” conseguiram manter uma parte desses estabelecimentos. Como consequência da lei *Astier*, de 1919, que organizou o Ensino Técnico na França, alguns Irmãos abriram ou assumiram alguns Centros de Ensino Profissionalizante oficialmente “reconhecidos”, ou multiplicaram oficinas destinadas a dar uma formação profissional a seus alunos. Essa promoção dos Irmãos teve continuidade mesmo durante a Segunda Guerra Mundial.

Contudo, foi sobretudo nos quarenta anos que seguiram 1945 que, nos estabelecimentos mantidos pelos Irmãos, o Ensino Técnico, foi organizado e se desenvolveu. Além disto, nesses mesmos anos, os Irmãos participaram do esforço empreendido no Instituto, e mais amplamente no Ensino Técnico Particular, para aprimorar a qualificação dos Irmãos e dos Professores colaboradores leigos incumbidos deste tipo de ensino. Uma nova fase se descerrou, cerca de 1985, com a crescente responsabilidade exclusiva da direção confiada a colaboradores leigos de estabelecimentos dos Irmãos. Nesta nova fase, o desenvolvimento desses estabelecimentos que ministravam ensino técnico prosseguiu. Mas esse desenvolvimento se caracterizou, particularmente, por uma elevação do nível da formação dada aos alunos ou aos estudantes.

No estudo que segue, nós nos ateremos ao ensino industrial e comercial. Faremos menção ao ensino agrícola somente a título de complementação. Esta, com efeito, exigiria um estudo específico à parte, naquilo que se refere aos estabelecimentos dos Irmãos. Além do mais, este tipo de formação depende de uma legislação própria.

Organização do Ensino Técnico nos Estabelecimentos “dos Irmãos”, na França, depois da guerra (1945-1965)

A guerra que terminou em 1945 teve repercussões que afetaram os Irmãos, mais especialmente na França. Além disso, no mesmo país, as mudanças introduzidas pelo prolongamento da escolaridade e a lei de subsídios ao Ensino Particular, a partir de 1960, tiveram consequências que afetaram seus estabelecimentos, notadamente os de ensino técnico.

Repercussões da guerra

Quando a guerra terminou, o país estava empobrecido: As restrições devidas à guerra ainda se faziam sentir até alguns anos após o armistício. Uma parte da população vivia na miséria, e outra parte viram seu nível de vida baixar. O país todo tinha que ser reconstruído das destruições e do saque de recursos por parte dos ocupantes.

Além de tudo isso, ‘um novo tipo de missão se fez exigência da Igreja da França, impulsionada por vigorosas personalidades’ (*Action Éducative Lasallienne*, nº 47, 13): O Pe. *Godin* escreveu: *France, pays de mission* (França, país de missão) que revela o estado de descristianização adiantada de certos meios ou de diferentes regiões. Foi o momento em que a “Missão da França” foi criada. Essas iniciativas foram especialmente estimuladas pelo Cardeal *Suhart*, arcebispo de Paris.

Aspectos institucionais

Nesse período, pareceu a um certo número de Irmãos, atentos às realidades do momento, que o ensino técnico, sobretudo sob forma de ensino profissionalizante, com certeza era um dos meios de facilitar aos jovens o acesso a um futuro mais garantido, ao mesmo tempo contribuindo à reconstrução do país. Alguns superiores compartilharam esse ponto de vista. Foi assim que antes do Capítulo Geral de 1956, o Irmão Vigário Geral Irmão *Denis*, então responsável pelo Instituto, enviou aos Irmãos Provinciais uma carta em que lhes lembrava o interesse atual pelo Ensino Profissionalizante e Técnico (Cf. *Archives du District de France, Série L, boîte 13*). Numa perspectiva assim, aos olhos dos Diretores de Estabelecimentos e dos responsáveis dos setores técnicos ou de oficinas, pareceu necessário estruturar e incrementar as realizações, por vezes, só embrionárias, herdadas do passado. Percebeu-se também que era preciso formar melhor os Irmãos que eram designados a exercer atividades nessas áreas de ensino.

Nos anos seguintes da Segunda Guerra Mundial, para os Estabelecimentos dos Irmãos, o fato mais característico, certamente, foi a transformação de inúmeros setores de ensino prático que tinham sido criados no período entre guerras, em Escolas Técnicas Particulares (ETP) beneficiadas com o reconhecimento oficial. A transformação da maioria desses setores profissionalizantes foi efetuada em 1950. Também estabelecimentos foram modificados interiormente devido ao ensino técnico. Tal foi o caso, por exemplo, em *Saint-Denis*, na região parisiense. O mais das vezes, as novas Escolas Técnicas Particulares eram inseridas nos estabelecimentos que ofereciam outros tipos de estudos. Este foi o caso dos estabelecimentos na *Bretagne*, como sejam os de *Lorient* ou de *Quimper*, que já tinham obtido o reconhecimento oficial antes da guerra. Setores assim tinham a tendência de crescerem em importância. Outras vezes, podia tratar-se de estabelecimentos autônomos, como a Escola Profissionalizante *Saint-Joseph de Troyes*, aberta em 1921 pela Diocese, e que foi confiada aos Irmãos em 1940. Essa Escola, apesar de sua designação garantia a formação prática dos alunos em oficinas próprias, contrariamente ao sistema de Aprendizado Profissional, que por sua vez ainda subsistia. Contudo, no mesmo tempo, um certo número de setores de formação profissional criados anteriormente desapareceram por diversas razões.

As Escolas Técnicas Particulares que foram reconhecidas, também podiam ser autorizadas a receber uma parte da contribuição financeira denominada “*Taxe d’apprentissage*” (Taxa de Ensino Profissionalizante) criada em 1925, e que as empresas deviam retribuir em formação profissional. Ainda que muito insuficiente, um tal subsídio financeiro, na época permitia aos estabelecimentos a funcionar mais facilmente, e se equiparem melhor. Em todos os estabelecimentos que ministravam ensino profissionalizante preparava-se, em 3 anos após o CEP (*Certificado de Estudos Primários*), da conclusão das classes primárias, um número mais ou menos grande de CAP (*Certificados de Aptidão Profissional*), sobretudo na área industrial, mas também no setor comercial. Em um certo número de ETP se acrescentava a preparação para o BEI (*Brevet d’Enseignement Industriel*) ou ao BEC (*Brevet d’Enseignement Commercial*), em quatro anos após os estudos secundários. Os Estabelecimentos de Ensino Secundário, além disto, preparavam para o *Bccalauréat MT* (Bacharelado em Matemáticas e Técnica).

Dados referentes ao ano de 1958 nos permitem evidenciar como os estabelecimentos dos Irmãos ministravam o Ensino Técnico integrando-se na organização da formação profissionalizante na França, ainda cerca do ano de 1960. Um estudo sobre o *Ensino Técnico, na França, e o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs*, que foi o tema de um Número Especial do *Bulletin Entre Nous*, publicado pela Secretaria Geral do Instituto, nos permitiria construir um mapa, loca-

lizando as cidades onde existiam um ou mais estabelecimentos que ministravam esse tipo de formação. Juntos somavam um total de 101 (cento e um)

Níveis de qualificação	Tipos de estabelecimentos particulares	Exames	Número de Unidades
Operários qualificados	Escolas Profissionais, ou de Ensino Profissionalizante	CAP*	6
	Escolas Técnicas Particulares	CAP	48
Qualificações médias	Escolas Técnicas Particulares	BEI** ou BEC***	22 e 12
Técnicos	Estabelecimentos assimilados aos Colégios Técnicos	Brevet de Técnico	1
	Estabelecimentos Secundários	Bacc.M.T.****	11
Engenheiros	Escola de Engenheiros Reconhecida	Diploma de engenheiro	1

*CAP = Certificado de Aptidão Profissional

**BEI = Brevê de Ensino Industrial

***BEC = Brevê de Ensino Comercial

****BACC.M.T = Bacharelado em Matemáticas e Técnico

Durante esse período, o ensino agrícola continuou a ser ministrado de acordo com uma organização anterior. Em 1960, uma nova lei era votada, mas não foi aplicada de imediato. Também uma lista dos estabelecimentos dos Irmãos onde era ministrado ensino agrícola, com data de 1961, nos permite saber quais estabelecimentos, naqueles anos, ministravam esse ensino:

- 1 - Ensino superior de Agricultura (*Beauvais*)
- 4 - Ensino agrícola denominado de “segundo grau”
- 22 - Denominados de “Centros de ensino profissionalizante de agricultura”
- 5 - Com o nome de “Cursos Agrícolas pós-escolares.

Vê-se, assim, que os estabelecimentos dos Irmãos, sobretudo, davam uma formação agrícola em nível correspondente ao das seções técnicas, que preparavam para a obtenção do CAP. Em muitos casos, porém, essa formação já substituíra os “cursos de inverno”, que duravam desde a solenidade de Todos os Santos até a Páscoa.

A estruturação assim efetuada no Ensino Técnico foi acompanhada de uma intensificação na formação dos Irmãos que haviam sido designados para este ensino, muitas vezes sem preparação especializada. Assim, pouco depois da Segunda Guerra Mundial, foram organizados estágios, principalmente nas Províncias de *Reims* e de *Besançon*, destinados aos Irmãos destinados às seções de ensino profissionalizante que funcionavam em alguns estabelecimentos. Um desses estágios teve lugar na Escola de Ensino Profissionalizante *Saint-Joseph de Troyes*, em 1947. Em 1948, em *Saint-Joseph de Dijon*, durante seis semanas, sessenta Irmãos vindos de diferentes regiões da França se exercitaram em trabalhos práticos nas áreas de ajustagem de máquinas e aparelhagens, ferraria, soldagem, moldagem, marcenaria, carpintaria e desenho industrial. Neste mesmo período, os Superiores se preocuparam com a preparação dos Irmãos para exercer as funções de Supervisores de Trabalhos, responsáveis pelas oficinas – fazendo com que obtivessem o diploma de engenheiro, na ECAM (*École Catholique d'Arts et Métiers* - Escola Católica de Artes e Ofícios) de *Lyon*. Esses Irmãos, uma vez assumidas suas funções, organizavam estágios de aperfeiçoamento para seus coIrmãos, principalmente dando cursos de “tecnologia geral”, que complementavam a formação dada aos alunos nas oficinas, pelos professores de trabalhos práticos.

Dimensão Apostólica

Nas seções técnicas, os Irmãos ministravam o ensino geral ou o ensino técnico teórico, principalmente sob a forma de desenho industrial, ou de figuração gráfica, para fins técnicos ou de fabricação industrial. Esses Irmãos trasladavam para seu novo destino os métodos anteriormente adquiridos, especialmente nas classes de ensino primário superior. No nível apostólico, se serviam dos meios tradicionalmente empregados para atrair os alunos: explicação do catecismo, exercício da prática religiosa; alguns se inspiravam na Ação Católica.

Contudo, alguns desses Irmãos, e outros juntamente com eles, se mostraram cada vez mais atentos às transformações causadas ou evidenciadas pela guerra. Muitos deles puderam conscientizar-se sobre elas durante a guerra, ao passo que para os mais jovens, elas se descortinaram, quando, entre 1954 e 1962, foram convocados para participarem da guerra na *Argélia*. As conseqüências dessa conscientização foram evidenciadas pelo Irmão *Nicolas Capelle*, no número 47 dos Estudos aparecidos sob o título “*Action Éducative Lasallienne - AEL*”, dos quais extraímos as seguintes pontos que nos parecem de valor para confirmar o que declaramos.

A partir de 1945-46, esses Irmãos se constituíram em equipes de trabalho e de pesquisa no Meio Operário...Seu grupo, pouco a pouco interessou os Irmãos que trabalhavam em Escolas Técnicas: esses estavam em contato com os jovens do “Meio Operário” (*AEL N° 47, 14*). A maneira de pensar e de atuar desses Irmãos é significativa:

- Primeiramente ela é espiritual: é questão de formar operários cristãos que sejam apóstolos no seu meio (*pág. 15*).
- Esses jovens são conhecidos na JOC (*Juventude Operária Cristã*), os Irmãos seguem o estilo desta.
- Em vários estabelecimentos técnicos, há educadores que praticam o VER, JULGAR e AGIR do dito Movimento (*pág.16*).

Esse grupo se organizou com o assentimento dos Responsáveis pelo Instituto. Mas, a “maioria do Instituto na França, não concordou com esse modo de proceder e se inclinou pela marginalização dele (*pág. 15*).

Influência desses desenvolvimentos na área escolar

Na França, para o Ensino Particular – concretizado em sua maioria pelo Ensino Católico – a votação daquela que se denominou de *Lei Debré* constituiu um giro importante. Essa lei, com efeito, previa que, na medida do possível, se algum estabelecimento de Ensino Particular firmasse um “contrato de associação” o Estado assumiria os custos da remuneração dos professores e atribuiria a esse estabelecimento um crédito destinado a cobrir os gastos relativos ao ensino. Votada em 31 de dezembro de 1959, a lei entrou em vigor a partir de 1960. Com referência aos Estabelecimentos de Ensino Técnico Particular, a ajuda recebida, acrescida ao benefício da Taxa de Ensino Profissionalizante, lhes permitiu não somente garantir o futuro, mas de funcionar em melhores condições e se desenvolverem.

Por outro lado, a lei surgiu no momento a que se pode aludir como de “explosão escolar”. Em 1959, a obrigatoriedade da escolarização foi elevada a 16 anos e, a partir de então, um número crescente de jovens prolongou sua escolaridade para além dessa idade. Quando os Irmãos mantinham somente as classes primárias, eles eram levados a complementá-las pelas de CEG (*Collège d’Enseignement Général*) ou, a substituir por esses quatro anos de estudos, os três de

ensino primário superior, que eles já garantiam em algumas de suas escolas. Nos estabelecimentos de Ensino Técnico foi preciso multiplicar e diversificar as opções oferecidas na área da formação profissional ou nas classes de ensino secundário técnico. Em certos lugares, isto levou à criação de centros importantes que ofereciam o conjunto dos diferentes tipos de ensino. Em outros casos, optou-se por abandonar certas formas de ensino para organizar estabelecimentos que ministravam somente o ensino profissionalizante. Este foi o caso, por exemplo, na Província de *Besançon*.

Paralelamente, a lei votada em 2 de agosto de 1960, tinha por finalidade adaptar o ensino agrícola à prolongação da escolaridade. Essa lei também tinha por característica de colocar essa forma de ensino sob a tutela do Ministério da Agricultura, e de ordenar as relações entre ensino público e ensino particular. Um decreto de aplicação de junho de 1961 visava a harmonizar a organização do ensino agrícola e a do ensino geral ou técnico. Com este objetivo, os estudos agrícolas era repartidos, a partir da classe de 4ª (mais ou menos 14 anos) em:

- Ciclo I : preparando em 3 anos para o BAA (*Brevet d'Apprentissage Agricole*).
- Ciclo II : preparando em 3 anos para o BEA (*Brevet d'Agent Technique Agricole*).
- Ciclo III: preparando em 5 anos para o BTA (*Brevet de Technicien Agricole*).

Alguns *Colégios Agrícolas* deviam conter os Ciclos I e II, e os *Lycées Agricoles*, os Ciclos II e III acrescentando a eles, eventualmente, a preparação para o BTSA (*Brevet de Technicien Supérieur Agricole*). Os estabelecimentos públicos ou particulares deviam optar por uma ou pela outra dessas duas denominações. No Ensino Particular e, no meio deste, nos estabelecimentos dos Irmãos, adotou-se mais a forma de *Collège* do que de *Lycée*.

Em 1965, os Irmãos Visitadores dos Distritos da França, elaboraram um plano com o objetivo de evitar um desenvolvimento incontrollável de todas as instituições mantidas pelos Irmãos, concentrando-se sobre algumas delas, bem como sobre os tipos de ensino que melhor correspondessem à finalidade do Instituto. Conseqüentemente, o plano privilegiava os estabelecimentos técnicos, inclusive agrícolas, e mais particularmente a formação profissionalizante. Um tal plano visava a orientar os responsáveis pelo Instituto quando participavam da revisão do mapa escolar do Ensino Católico em nível diocesano ou local.

Desenvolvimento do Ensino Técnico nos Estabelecimentos “dos Irmãos” (1966-1985)

A segunda metade dos anos sessentas, no Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs foi marcada pelo Capítulo Geral de 1966 e seu prolongamento em 1967. Esse Capítulo Geral, notadamente, estimulou os Irmãos a se envolverem mais naquilo que a partir de então, foi designado de “serviço educativo aos pobres”. Para isto, uma diversidade de opções foi descortinada no Instituto.

No mesmo tempo, a aplicação da *lei Debré* provocou um desenvolvimento do ensino técnico, particularmente sensível nos estabelecimentos dos Irmãos. Ela induziu igualmente a investir na formação, não somente dos professores de seus estabelecimentos, mas no conjunto de todos os docentes do Ensino Técnico Particular.

Opções dos Irmãos no que diz respeito ao “serviço educativo a pobres”

O Capítulo Geral de 1966, e mais ainda seu prolongamento em 1967, tiveram para o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, um alcance comparável ao do Concílio Vaticano II para a Igreja Católica. De acordo com o texto de aplicação do Decreto *Perfectæ caritatis* do Concílio sobre a “Renovação Adaptada da Vida Religiosa”, o Capítulo revisou a Regra do Instituto.

Com o objetivo de estimular uma fidelidade maior à inspiração original do Instituto, o Capítulo estimulou os Irmãos a se dedicarem mais aos pobres. Criando a locução “serviço educativo aos pobres” para definir a missão à qual os Irmãos se votam, livrou o Instituto do impasse em que este se encontrava desde que não pôde mais aplicar de maneira absoluta o princípio da gratuidade, graças ao qual tencionava que, pelo menos as escolas primárias, fossem acessíveis às crianças de todas as condições econômicas e sociais. Por outro lado, convidando os Irmãos a prestar este serviço não somente em favor dos “pobres”, mas especialmente dos “mais pobres”, ofereceu, de fato, aos Irmãos diferentes opções quanto à maneira de responder ao convite do Capítulo.

M. François Velut, em seu livro *Saint-Joseph de Troyes*, instituição onde ele ensinou e foi diretor, evidencia claramente a alternativa diante da qual os Irmãos então se encontravam, quando escreve: “Para uns, nesta época pós-conciliar, a presença dos Irmãos talvez seja mais útil nos bairros desfavorecidos do que nas Escolas...[Ele lembra, em seguida, uma outra possibilidade que quase nunca foi lembrada], depois continua: Outros, por fim, não imaginam abandonar esse serviço da Igreja e da Nação [o Ensino Católico] junto aos jovens, notadamente dos mais desfavorecidos...(Pág. 134-135).

Tendo o Capítulo lançado o apelo de ir “aos mais pobres”, houve Irmãos que consideravam que o marco das instituições escolares não permitia chegar-se a eles. Para definir o enfoque desses Irmãos, parece-nos melhor citar novamente, algumas passagens do nº 47 de “*Action Éducative Lasallienne*, páginas 16, 17:

- Esses Irmãos, pouco a pouco se vão ligando às Organizações Operárias de jovens ou de adultos, que o movimento operário estabeleceu. Entendem que a Educação do ambiente operário deve dar-se no meio operário, pelas organizações decididas por esse meio.
- Sem desertar o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, com o qual continuam a ter contato, esse grupo de Irmãos se põem à frente dos movimentos para ali fazer a aprendizagem do meio popular e discernir melhor o que hoje deveria ser a evangelização desse meio.
- Nesta aprendizagem, entram em contato com a “vida ruim, infausta” (alojamento, trabalho, salário, alimentação, jeito de vestir, lazer, divertimentos, moradia...). Pouco a pouco vão compreendendo que uma certa “interação” é indispensável e prévia a qualquer ação e qualquer partilha de solidariedade que vão descobrindo no meio popular.
- Muitos deles hão de tirar proveito de longos cursos de reciclagem...para “vivenciarem outra situação”, isto é, mudar de situação profissional, abandonar as funções de professores, sair das comunidades, deixar para trás a proteção da comunidade, para viver uma outra realidade de morada, de emprego precário; para vivenciar o choque dos problemas cotidianos, que são o fado comum dos pobres.
- Ademais, alguns aceitarão ir mais longe ainda, até conhecerem de todo as condições da classe operária.
- ‘Mas, aonde quer que eles vão, seja o que for que façam, eles continuam sendo educadores...’
- ‘Mas continuam todos inseridos no meio popular e não mais percebem a razão de viver isolados em comunidades monásticas; suas raízes se fixaram nos bairros populares (*Nimes, Roubaix, Nantes, Dijon, Paris...*) É ali que as pessoas os reconhecem; é ali que se fazem conhecer’.

Alguns desses Irmãos continuaram a ensinar nos estabelecimentos do Instituto, mas preferentemente nas classes destinadas aos alunos que apresentavam as maiores dificuldades, de aprendizagem ou falta de recursos. Para um certo número deles, a incorporação no Ensino Público pareceu ser a melhor maneira de atingir “os mais pobres”. Um Irmão diretor planejou a

“integração” do estabelecimento que dirigia, assim como a lei *Debré* facultava. Após a mudança política de 1981, alguns Irmãos, em concordância com outros professores do Ensino Particular, desejaram abandonar esta modalidade, e participar de um Serviço Público Único de Ensino. Por seu lado, alguns outros Irmãos se engajaram na pastoral religiosa do Ensino Público.

Outros Irmãos, atentos ao apelo que lhes era feito, também quiseram dar sua resposta, mas permanecendo no quadro dos estabelecimentos de ensino do Instituto. Tampouco tinham a mesma visão que os acima citados. Para eles, tratava-se de assumir o encargo dos filhos das famílias de operários da indústria, dos empregados em diversos serviços, dos artesãos, comerciantes e agricultores. Essas famílias, no conjunto, habitualmente desfrutavam de um nível de vida mais cômodo, mas, entre elas, encontravam-se muitas que viviam em condições menos boas, devidas, por exemplo, a uma qualificação profissional insuficiente, a um nível cultural pouco elevado, a uma imigração recente... Por outro lado, a situação de umas e de outras dessas famílias era constantemente ameaçada por uma série de males, como: o desemprego, as doenças, acidentes – e isto, malgrado a assistência social – ou ainda: falecimentos, a separação de um dos cônjuges...quando não era o alcoolismo, a tendência de fazer despesas sem ponderação prévia... Quanto aos jovens, em razão das repercussões de um ou de outro desses azares da vida, ou simplesmente de uma falta de interesse por um ensino muito teórico, já estavam expostos a esses reveses desde a escola primária ou o Colégio. Esses jovens eram então prontamente “orientados” para um ensino profissionalizante. Eles mesmos, muitas vezes, estavam interessados por uma formação mais concreta, e seus pais aceitavam - mais facilmente, que eles exercessem profissões que exigiam um bom nível intelectual – que seus filhos tomassem em consideração as profissões que eles mesmos estavam exercendo. Foi assim que, na França, se encontravam numerosos desses jovens nos estabelecimentos de ensino profissionalizante.

Os Irmãos que se interessavam mais particularmente por esses jovens, tinham em vista ajudá-los a recuperarem a autoconfiança e a dar um sentido às suas vidas, ao mesmo tempo que lhes oportunizavam a aquisição de uma qualificação profissional suscetível de permitir-lhes, mais tarde, estarem menos sujeitos aos riscos de uma situação muito fortuita. No meio desses Irmãos havia também aqueles que se mostraram particularmente preocupados com dar uma formação humana e cristã a seus alunos. Faziam isto através da catequese – forma renovada das aulas de catecismo – ou por ocasião de encontros mais pontuais quando se acentuou a dificuldade de atingir os jovens com vinculações religiosas muito variadas. Por seu lado, os Irmãos assim comprometidos com os jovens no Ensino Técnico, pertenciam ao grupo que, a partir de 1974, se deu o nome de *Frères en Monde Ouvrier* (FMO) –. O equivalente a esse grupo no meio rural foi o *Frères en Monde Rural* (FMR) – para indicar sua pertença a esses meios.

Participação dos Irmãos no Desenvolvimento do Ensino Técnico

Naquilo que se refere aos estabelecimentos escolares, as condições impostas para se beneficiarem da *Lei Debré*, os obrigavam a formar grupos de alunos suficientemente numerosos e submetê-los a testes de controle do ensino ministrado. Em contrapartida, concediam muitas facilidades para abrir novas classes ou novos ramos de formação, uma vez que pudessem justificar terem o número de alunos e os professores exigidos. No Ensino Técnico isto facilitava e possibilitava a adaptação em função das necessidades locais existentes. Mais especialmente no Ensino Profissionalizante, disto resultou um dinamismo que se traduziu pela diversificação e a multiplicação das formações oferecidas aos jovens, mas igualmente pela supressão de algumas outras que se tornaram obsoletas ou inadaptadas.

Por sua vez, o ensino agrícola particular conheceu um *boom*, devido notadamente à vinculação que manteve com a profissão agrícola, cujos dirigentes, muitas vezes, provinham da JAC... e o acolhimento numa proporção de mais em mais crescente de alunos que fracassavam na escola (*L'Enseignement agricole: 150 ans d'histoire*, 127, 128). Chegou a contar com mais da metade dos efetivos de Ensino Profissionalizante Agrícola, na França. Contudo, nos anos da década de 1970, alguns estabelecimentos começaram a passar por dificuldades, especialmente de ordem financeira, amiúde devidas ao fato de que limitados ao nível de *Collège*, não podiam oferecer aos alunos que a desejavam, a possibilidade de prosseguir no *Lycée*.

A situação favorável de que, no conjunto, o Ensino Particular usufruiu nos anos de 1960 a 1970, prolongou-se na primeira metade da década de 1980. A mudança de tendência política que se deu em 1981, na verdade, não provocou de imediato modificações sensíveis na situação dos Estabelecimentos de Ensino Particular, pelo motivo de as disposições da *Lei Debré* continuarem a ser aplicadas como anteriormente. Por outro lado, a vontade do governo de integrar o Ensino Particular num Serviço Público Unificado de Ensino, parecia representar uma ameaça à liberdade de ensino, o que a manifestação organizada em 24 de junho conseguiu evitar.

Em seus estabelecimentos, os Irmãos compartilharam o dinamismo que acabamos de descrever. Esta era a situação, especialmente, dos diretores que, em seus estabelecimentos ou nos grupos de Estabelecimentos de Ensino Técnico Particular de que faziam parte, abriam espaços para atrair um número crescente de jovens e responder sempre melhor às expectativas deles e as dos pais deles. Mas era também, o fato de os Irmãos que exerciam responsabilidades ou se relacionavam com os jovens mediante o ensino – incluída “a prática” – para alguns dentre eles.

Contudo, se os Irmãos davam o impulso, atingir os objetivos estabelecidos, dependia sempre menos deles, com a diminuição do número dos seus efetivos. Os Irmãos, mesmo antes da Segunda Guerra Mundial, e notadamente no Ensino Técnico, não puderam mais manter sozinhos os estabelecimentos, e tiveram que recorrer a um número sempre crescente de colaboradores, homens e mulheres “leigos” – no sentido em que este termo é entendido na Igreja. Muitos desses colaboradores e colaboradoras partilharam a motivação com os Irmãos. Este foi o caso, muito particularmente para os Diretores dos estabelecimentos que o Instituto começou a designar para substituir os Irmãos, por exemplo, o de *Troyes* em 1973, o de *Dijon* em 1974, o de *Brest* em 1979. Isto foi uma preparação de uma mudança que também pode ser situada cerca de 1985, à qual nos referiremos adiante, após termos dado um olhar na contribuição dos Irmãos na formação dos professores do Ensino Técnico Particular, nos anos seguintes de 1960.

Contribuição dos Irmãos na Formação dos Professores de Ensino Técnico

Ao mesmo tempo que em seus estabelecimentos os Irmãos contribuíram no desenvolvimento do ensino técnico, eles também se preocuparam com a promoção da formação daqueles que contribuíam em garantir esse desenvolvimento.

Relativamente à situação anterior, a partir de 1960, a *Lei Debré* introduziu novas exigências. Transcrevemos um excerto de um escrito do Irmão *Claude Lapiéd*, para nos referirmos ao seu envolvimento na formação dos Professores dos Estabelecimentos Particulares de Educação Técnica :

“A partir da implementação da *Lei Debré* muitas coisas iriam mudar de perspectiva, não na finalidade da escola, cujo objetivo continuava sendo a formação dos jovens para a vida profissional, para o respeito aos valores morais, religiosos e cristãos, em função dos quais a escola foi fundada, mas com todas as qualificações exigidas anteriormente, serão também exigidos compulsoriamente os títulos universitários e técnicos impostos para os contratos...”

Em primeiro lugar, para obter o “contrato definitivo” que garantisse a perenidade da responsabilidade do Estado pelo pagamento dos salários dos professores da Educação Particular, tinham de submeter-se a um exame. Nos Estabelecimentos de Ensino Técnico, isto representava um problema, sobretudo para os professores encarregados da formação prática dos alunos. Estes, amiúde eram oriundos de empresas industriais, ou de serviços públicos, como a Viação Férrea, que habitualmente só haviam recebido uma iniciação pedagógica sumária. Esses professores também deviam justificar sua capacidade de garantir o ensino daquilo que se denomina “tecnologia profissional”. Preocupados com esta situação, os Chefes de Trabalhos nas Oficinas, que se haviam agrupado no CTPN (*Comité Technique Pédagogique National*) tomaram a iniciativa de organizar estágios, pensados para esses professores, sobre os quais tinham responsabilidade direta.

Além disto, alguns professores encarregados da formação “técnico-teórica” dos alunos para o Desenho Industrial ou a “tecnologia geral”, eram admitidos por força da *Lei Debré*, a passar por concursos que lhes permitissem ser incorporados, para sua remuneração, aos professores titulares do Ensino Público. Aqueles que eram admitidos para esses concursos, dois anos depois, tinham que prestar um exame especial, cujo resultado final, muitas vezes, não era satisfatório. Os professores do Ensino Particular, com efeito, não eram aceitos nas ENNA (*Écoles Normales Nationales d’Apprentissage*) do Estado. Devido a isto, alguns desses professores se retiravam do Ensino Particular para o Ensino Público.

Para dar uma resposta a estas duas categorias de professores, pensou-se primeiramente em criar uma Escola Normal, ou seja um Colégio de Treinamento de Professores. Mas, devido à urgência, a decisão de senso comum que se tomou, foi a de dar uma ajuda àqueles professores que se preparavam para prestar os exames exigidos. Reunidos em setembro e outubro de 1969, os chefes das Oficinas dos Estabelecimentos do Nordeste da França, propuseram que um deles, Irmão *Jean-Claude Mauvilly*, então responsável pelas Oficinas no *Saint-Joseph* de *Dijon*, assumisse as funções de CRP (*Conseiller Régional Pédagogique*) para essa região.

Por sua vez, os Chefes de Departamentos dos Estabelecimentos dessa Região criaram um organismo destinado a servir de empregador para este CRP, e assegurar-lhe um salário. A partir de setembro de 1970, o Irmão *Jean-Claude Mauvilly* visitou uma vintena de Estabelecimentos Particulares de Ensino Técnico da *Champagne-Lorraine*, *Bourgogne* e *Franche-Comté*, bem como a Região de Paris, para acompanhar os progressos dos professores responsáveis pelas disciplinas de ensino técnico. A mesma tarefa foi confiada a um Irmão de *Ploërmel*, Irmão *Marcel Cornec*; para a região Oeste da França, ao Irmão *Jean Viart*, chefe das Oficinas de *Saint-Étienne*; o Irmão *Joseph Bennes*, assumiu essa função no Sudoeste, ao mesmo tempo que continuava a ser chefe das Oficinas em *Saint-Joseph*, de *Toulouse*. O Norte teve uma organização um pouco diferente com um sacerdote que era diplomado em Engenharia.

A ação exercida por esses diversos CRPs foi particularmente decisiva. Ela permitiu, especialmente às pessoas que ingressaram no ensino em razão de suas qualificações pessoais, exercerem a função de professores no Ensino Técnico Particular, com competência.

Essa modalidade de formação, contudo, não era totalmente favorável para os professores que, após terem obtido resultado satisfatório num concurso, deviam preparar-se para o exame que haveria de dar-lhes a certidão de qualificação. Aqueles que, após esse êxito no concurso, optassem pelo Ensino Particular, não sendo admitidos aos ENNA (*Écoles Normales Nationales d'Apprentissage*), era preciso oferecer-lhes uma possibilidade equivalente de formação. Desta maneira, portanto, no Ensino Técnico Particular chegou-se a preferir uma formação durante o emprego que, alternando os períodos de formação num centro especializado e os horários de ensino em seus estabelecimentos, evitava a contingência de um longo afastamento de suas famílias. As averiguações para criar um Centro assim ajudaram em estabelecê-lo na colina de *Fourbière*, em *Lyon*,

Aquilo que era denominado de “Centro Nacional de Formação para o Ensino Técnico Particular ou Privado (CNFETP)”, começou a funcionar em outubro de 1972, sob a direção do Irmão *Claude Laped*, pertencente à Província de *Reims*. O Centro também se beneficiava do apoio dos CRPs (*Conseilheiros Regionais Pedagógicos*), dos chefes de Oficinas ou dos professores, e de outros intervenientes. Os participantes eram convocados a efetuar, ao longo de um ano escolar, quatro estágios de cinco dias, durante os quais eles continuavam a receber seus salários, e, eventualmente, havia substitutos para seu ensino. No início, os estágios se referiam unicamente aos professores de ensino industrial, depois se estenderam, sobretudo, aos homens e às mulheres do ensino terciário, confecções, serviços prestados a pessoas ou a coletividades. Estavam também abertas aos professores de ensino geral. Mais particularmente em 1982 e nos anos seguintes, o Centro organizou um curso idealizado para a preparação para os exames internos de professores que, por incapazes de passar nos exames de competitividade habituais, se viam incluídos na menos prestigiada categoria de “Professores Assistentes” pelo Estado. O tipo de formação dada no Centro era altamente apreciado, inclusive pelos inspetores da Educação Nacional, alguns dos quais reconheciam a vantagem do sistema de formação alternativo. Os Irmãos estavam longe de serem os únicos a ministrar essa formação, mas, ao menos durante uma quinzena de anos, sua contribuição foi particularmente importante para garantir o funcionamento do Centro e lhe apontar a orientação.

O Ensino Técnico nos Estabelecimentos “lassalistas” (1985-2005)

Numa data próxima de 1985, a conjunção de diversas causas, acarretou uma importante modificação para os estabelecimentos mantidos pelos Irmãos, mas, de maneira geral, também para os Estabelecimentos de Ensino Particular ou Privado. Nos estabelecimentos dos Irmãos, a diminuição de Irmãos ativos, que já compelira a confiar a responsabilidade administrativa de um certo número de estabelecimentos a diretores leigos, realçou ainda mais esse movimento, e causou a retirada dos Irmãos de um certo número de locais. Na medida em que estes que substituíam os Irmãos continuavam a ater-se à tradição educativa herdada de São João Batista de La Salle, os estabelecimentos assim confiados ao encargo de diretores leigos, foram denominados, a partir de então, como “Estabelecimentos ou Escolas Lassalistas”.

Estes, assim como o conjunto dos Estabelecimentos de Ensino particular, sofreram igualmente as conseqüências das modificações originadas em 1985, pelo Ministro da Educação Nacional, às medidas para a implementação da *Lei Debré*. Caso o Ensino Particular não fosse integrado num Serviço Público unificado, desde 1985, ele começaria a ser apressilhado com a peia do sistema Público de Ensino. Seria notadamente alvo das limitações impostas para a atribuição de cargos no ensino. Isto, em parte, suprimiria aos estabelecimentos técnicos, sua capacidade de se adaptar às condições locais, e prejudicar seu desenvolvimento. Mas, ao mesmo tem-

po, esses estabelecimentos se viam pressionados pelo movimento, introduzido pelo Ministério da Educação, que tencionava elevar o nível da formação dada aos jovens.

O Ensino Agrícola, pelo contrário, foi beneficiado pelas leis denominadas *Rocard*, votadas em 9 de julho de 1984, para o Ensino Público, e em 31 de dezembro para o Ensino Particular. Os estabelecimentos de Ensino Privado foram admitidos a participar no serviço público de educação e de formação, mantendo sua especificidade, à medida que se vinculassem ao Estado, mediante um contrato de direito público. Ainda que a implementação da lei prenunciasse por vezes riscos, geralmente era favorável ao desenvolvimento dos estabelecimentos, aos quais ela permitia, particularmente, elevar o nível de formação de seus alunos ou de seus estudantes. Pelo contrário, estabelecimentos mais sensíveis aos efeitos de um número decrescente de trabalhadores rurais, dificilmente se mantiveram, ou mesmo desapareceram. Foi assim que o número de estabelecimentos da rede lassalista, nos quais se ministrava instrução agrícola, atualmente está reduzido a dez. É verdade que alguns outros, antigamente mantidos pelos Irmãos, haviam sido transferidos a alguma “mantenedora” diferente, antes da formação da rede.

O Ensino Técnico na “Rede Lassalista”

Os Irmãos nunca foram muito numerosos nos estabelecimentos de Ensino Técnico. Com o decréscimo do seu número, os Irmãos tiveram que ceder não apenas a direção e a supervisão desses estabelecimentos, mas, até mesmo, foram obrigados a retirar-se de todo. Se a devolução às Direções Diocesanas de Ensino Católico, de estabelecimentos até então pertencentes a Congregações Religiosas, geralmente não causavam problemas quando se tratava de escolas primárias ou de pequenos *collèges*, não se dava o mesmo com os estabelecimentos importantes e, particularmente, quando nestes se ministrava Ensino Técnico. Isto constituía uma séria preocupação para os Colaboradores Leigos a quem o Instituto transferia a direção de tais estabelecimentos. Neste contexto, em 1986, foi tomada a decisão pelos Irmãos da França, de manter a “supervisão” do Instituto sobre o conjunto dos estabelecimentos dos Irmãos no país (inclusive a Ilha da Reunião); foi isto, que a partir de então, é comumente denominado de “Rede Lassalista”. Por sua vez, no mesmo ano iniciou o CLF (*Centre Lasallien Français*) que, sob a direção do Irmão *Patrice Marey*, antigo Assistente Geral, tinha por objetivo oferecer aos Leigos engajados nos estabelecimentos da Rede, uma formação de tal natureza que lhes permitisse substituir os Irmãos, tornando-se, por sua vez, partícipes e parcelas da tradição herdada de São João Batista de La Salle.

A decisão do Capítulo foi importante para os Irmãos que assim mantiveram a esperança de ver subsistindo as obras às quais eles se tinham dedicado, talvez toda a vida, e também para os Colaboradores Leigos que divisaram nessa decisão uma garantia para seu futuro. Isto foi particularmente verdadeiro para o Ensino Técnico que se encontrava num momento em que foi preciso injetar investimentos vultosos para responder aos desenvolvimentos tecnológicos, bem como fazer novas construções. E isto, tanto mais por causa destas construções, que em virtude das leis de descentralização de 1983 e 1985, os estabelecimentos de Ensino Técnico podiam ter a esperança de receber ajuda financeira das Regiões, na proporção que estas estavam dispostas a conceder.

A autoridade de “supervisão” ficou com o Instituto, mas este transferiu o exercício dela à “Associação La Salle”, que inclui Irmãos e Colaboradores Leigos, diretores de estabelecimentos. O exercício dessa “supervisão” inclui a descoberta e a nomeação dos diretores dos estabelecimentos, o acompanhamento das instituições, bem como a animação e a formação das pessoas

que neles atuam. Isto ajudou a alguns estabelecimentos a superar algumas situações intrincadas. O mais das vezes, acompanhou o desenvolvimento que muitos estabelecimentos lassalistas ainda têm conhecido, malgrado as limitações impostas pela administração acadêmica, desenvolvimento que foi principalmente acompanhado no Ensino Técnico para a elevação do nível da formação dada.

A elevação do nível de formação nos estabelecimentos técnicos lassalistas

Mesmo que, a partir de 1985, os estabelecimentos de Ensino Técnico, em particular, tenham experimentado novas modalidades da aplicação da *Lei Debré*, conseguiram, contudo, que seus alunos participassem da elevação do nível, ou da valoração da formação, preconizados pelo Ministério da Educação. Este foi o caso, muito especialmente, nos anos que aqui nos interessam, para os alunos que freqüentaram aquilo que, a partir de 1985, foi denominado: *Lycées Professionels*. (Liceus Profissionais ²). Nesse tipo de estabelecimentos, já nos anos anteriores, passou-se progressivamente de uma admissão de alunos de 14 anos, nas classes que preparavam em três anos, para um CAP (Certificado de Aptidão Profissional), para um ingresso, em torno dos 16 anos de idade, para a obtenção de BEP (Brevê de Ensino Profissional), em dois anos. Mas, cerca do ano de 1985, na Educação Nacional, o objetivo visava a elevar o nível da qualificação profissional que os jovens podiam adquirir freqüentando os Liceus Profissionais.

Para entender do que se tratava, é preciso saber que, pelo menos na França, nos setores de trabalho, estavam discriminados seis níveis de “qualificações profissionais” – a tabela da página 13 ³, em parte, utiliza esta classificação. Os níveis 1 e 2 correspondiam às profissões preparadas nas *Grandes Écoles* (Grandes Escolas), as Universidades ou estabelecimentos incorporados. O nível 3 era o das Categorias Superiores, constituídas pelas IUT (*Instituts Universitaires de Technologies*), ou pelos setores de BTS (*Brevet de Technicien Supérieur*) vinculados aos Liceus Tecnológicos. O nível 4 era o dos Técnicos, e correspondia aos diversos Bacharelados, ou às formações de nível equivalente. O nível 5 era o dos Operários ou Artesãos qualificados que tivessem obtido um BEP (*Brevê de Ensino Profissional*) ou um CAP (*Certificado de Aptidão Profissional*) O nível 6 incluía aqueles que não podiam justificar alguma qualificação profissional.

Retornando àquilo que a Educação Nacional tinha em vista, era chegar ao ponto que, aqueles que tivessem conseguido obter uma qualificação do nível 5, de então em diante poderiam adquirir uma do nível 4. Os objetivos visados eram que, eventualmente, 80% de um grupo etário recebessem ensino até o nível do bacharelado, e que os 20% restantes chegassem ao nível 5 de qualificação. O que se visava no primeiro foi muito mal compreendido por muitos, e o segundo era totalmente obscuro, resultando que cerca de 150.000 jovens continuavam a debandar, cada ano, do sistema educativo sem qualificação profissional!

A instituição dos bacharelatos profissionais

Na perspectiva daquilo que o Ministério da Educação Nacional realmente queria, era a instituição de um bacharelato, que devia ser preparado em dois anos após a aquisição de um BEP (*Brevê de Ensino Profissional*). Isto resultou na criação de um bacharelato que compreendia 4 anos em vez dos três habituais. O objetivo em vista era proporcionar aos alunos uma formação geral mais ampla, e de preparar profissionais mais autônomos no seu trabalho.

² LICEU: estabelecimento em que é ministrado o ensino de segundo grau e/ou o ensino profissionalizante.

³ Página desta tradução para o português

Os estabelecimentos lassalistas de Ensino Profissional se conformaram rapidamente com o desafio. Desde os primeiros anos da instituição desse novo tipo de formação, abriram as classes exigidas e despenderam muito dinheiro na aquisição dos equipamentos necessários. Da multiplicação de tais classes, resultou que, atualmente, nesses estabelecimentos já não existam ramos de formação industrial, terciário ou de serviços que se limitam ao BEP (*Brevê de Educação Profissional*). E isto tanto mais, porque alguns deles, não se tendo ampliado para um BACC. Profissional, nos mesmos estabelecimentos foram abertas classes que preparavam para um BACC. Tecnológico correspondente. Já, no passado, alguns jovens tomavam este caminho para prosseguir em sua formação, mas, a partir de agora, por uma ou outra dessas duas carreiras que lhes são oferecidas, são numerosos os que podem aceder ao nível 4 de qualificação profissional, ou, inclusive, prosseguir para mais longe.

Multiplicação dos BTS (Diplomas de Técnico Superior)

Uma nova etapa foi superada quando esses mesmos jovens puderam alcançar o nível 3 de qualificação, correspondente à Formação de Técnico Superior, quer seja preparando em dois anos o diploma outorgado pelos IUT (*Institutos Universitários Técnicos*) ou pelos BTS (*Brevê de Técnico Superior*) também preparados durante dois anos nas secções anexas aos Liceus Tecnológicos. O Ensino Particular, pelo fato de não poder criar a primeira dessas duas carreiras, desenvolveu a segunda com o objetivo de proporcionar, em primeiro lugar, um prosseguimento aos Bacharelados realizados nos Liceus Tecnológicos. Em algumas monografias vê-se como alguns centros lassalistas começaram a abrir secções BTS, nos anos setentas. Desde então têm-se multiplicado.

Depois da criação dos Bacharelados Profissionais, em alguns estabelecimentos foram realizadas tentativas para preparar os BTS a alunos que aprovavam esse tipo de exame. Quando não era no marco da Educação Nacional, isto se realizava no da formação permanente. Com efeito, visto que naquele tempo o pensamento oficial era que o Bacharelado Profissional preparava para o acesso ao trabalho, mas não para estudos posteriores, essas tentativas nem sempre eram coroadas de êxito. Tanto os professores como os estudantes subestimaram as dificuldades da passagem de uma forma de ensino para outra.

Mais recentemente, com a evolução do ponto de vista da Educação Nacional, sempre mais jovens, tendo obtido o BAAC Profissional, são admitidos nas secções de BTS já existentes, ou criados em atenção a eles, inclusive nos estabelecimentos que, durante muito tempo, eram unicamente Liceus Profissionais.

Os Estabelecimentos lassalistas não são os únicos que perseguiram esse objetivo de elevação do nível de formação, mas contribuíram eficazmente naquilo que se refere aos alunos que iniciaram uma formação nos Liceus Profissionais. Foi isto que se pôde ler numa brochura sobre o *Pensionnat Saint Joseph de Toulouse*: “Reencontrar hoje alunos realizados em BTS, que se haviam inscrito desanimados no CAP ou BEP, é uma manifestação radiante da esperança que um ensino aberto pode proporcionar a jovens em dificuldades” (*pág. 105*). Ora, isto sempre menos se tornou algo de excepcional. Interrogados acerca disto, *M. Pierre Lecat*, diretor do agrupamento *Saint-Joseph de Dijon*, e seus adjuntos para as secções técnicas desse agrupamento, podiam testemunhar que as classes de BTS estão integradas por uma parte importante de estudantes que seguiam o ramo BEP-Bacharelado Profissional, chegando a resultados muito satisfatórios. De acordo com essas pessoas, tal resultado era totalmente conforme ao caráter lassalista de seu estabelecimento.

Acesso à formação universitária

Alguns estudantes, tendo obtido um BTS (Bacc + 2), desejando prosseguir em sua formação com vistas na obtenção do diploma em Bacc + 3, + 4 ou + 5, encontram dificuldades para conseguir um lugar nas formações correspondentes, na Universidade. Em face de uma tal situação, *M. Emile Bourdin*, então diretor do *Lycée Lassalien de la Baronnerie*, perto de *Angers*, em 1988 idealizou o projeto de criar uma nova carreira, caracterizada pelo estudo de línguas estrangeiras, com prolongados estágios em diversos países. Foi assim que nasceu o ISAIP (*Institut Supérieur d'Action Internationale et de Production*) que enseja a obtenção de um diploma Bacc + 4. Este Instituto foi reconhecido pelo Estado em 1994. Para ensejar a obtenção de um diploma Bacc + 5, a partir de 1997, lhe foi acrescentada a ESAIP (*École Supérieure Angevine d'Informatique et de Productique*) que fornece diploma de Engenheiro, reconhecido pela Comissão de Títulos de Engenheiros. Posteriormente, outros Estabelecimentos de Ensino Técnico Particular criaram secções afiliadas ao grupo ISAIP-ESAIP. Este foi o caso dos Estabelecimentos Lassalistas de *Dijon* e de *Toulouse*. Em 2001, em seu *site (home-page)* de *Angers*, o grupo integrou deficientes visuais à formação de “*Chef de Projet International en Informatique et Réseaux*” (Chefe ou Líder de Projeto Internacional em Informática e Redes”) Deste modo, mediante tais meios, já não é insólito ver como alunos saídos do Liceu Profissional prosseguem em seus estudos até o nível de diplomação de grau universitário.

Mas, para um bom número daqueles que conseguem seguir um itinerário escolar assim, talvez se devesse recordar o início de sua formação profissional propriamente dita, para ver como se tem procurado, previamente, inspirar-lhes confiança em si mesmos nas classes, como as durante muito tempo denominadas CPPN (*Classes pré-professionais de nível*), ou, mais recentemente, nas denominadas de 4ª e de 3ª “tecnológicas” (correspondentes aos dois últimos anos de colégio. Estas últimas classes, que os responsáveis pelos Liceus Profissionais Lassalistas estavam mais interessados em manter e conseguir que tivessem êxito em seus estabelecimentos, são agora substituídos, na medida do possível, sobretudo, quando se trata de um mesmo agrupamento, é mantida vinculação entre essas classes e os estabelecimentos de Ensino Profissional.

Todavia, não podemos unicamente ufanar-nos de tais resultados. Com certeza, como esses jovens que, encontrando uma antiga professora, lhe dizem: “Que sorte eu tive de ter estudado no *Sacré-Coeur!* “ - conforme costumam designar o estabelecimento técnico lassalista de *Paray le Monial* – muitos outros alunos de estabelecimentos similares igualmente podem expressar sua satisfação por tê-los freqüentado. Mas, ao lado destes, quantos não diriam o mesmo? sem contar os jovens que não podem mesmo ter acesso a eles. Podemos alegrar-nos quando rapazes ou moças adquiriram uma qualificação que lhes permite projetar o futuro de maneira mais favorável. Mas, a par disto, acaso não seria motivo mais justo de alegria, saber que eles e elas se abriram aos valores suscetíveis de dar sentido a suas vidas? Quanto a isto, é significativo ver como os Diretores dos Centros que dirigem os processos que acabamos de descrever, se mostram interessados em exercer a responsabilidade pastoral que lhes corresponde. E, para isto, se rodeiam dos APSs (Auxiliares de Pastoral Escolar) – entre os quais os Irmãos – que despertam a atenção dos alunos ou dos acadêmicos, criam Centros de Pastoral e, inclusive criam capelas mais bem adaptadas que as antigas para seu uso atual.

ENSINO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICO NA REDE LA SALLE - 2006-2007 ⁴

	Setor	Nome	Cidade	Legt	Lpro	Sup	Cfa	Cfc
1	Agrícola	Kerplouz	Aurey	45	265	130	97	57
2	Agrícola	La Salle Beauvais	Beauvais	0	0	1.135	49	2
3	Agrícola	Saint-Nicolas (Lycée)	Igni	240	0	0	0	1
4	Agrícola	Science de la Vie & de la Terre	Le-Puy-enVelay	76	134	114	0	1
5	Agrícola	Saint-Joseph (Lycée agricole)	Levier	60	220	36	0	1
6	Agrícola	Institut SANDAR	Limonest	153	49	80	0	0
7	Agrícola	Saint-Christophe	Masseube	86	201	69	0	1
8	Agrícola	Montebourg	Montebourg	0	148	0	0	1
9	Agrícola	Saint-Antoine	Saint-Genis de Saintonge	37	62	0	0	0
10	Agrícola	Thillois	Thillois	120	0	90	0	0
11	Industrial	De La Salle	Alès	378	580	72	0	1
12	Industrial	Saint Jean Baptiste de La Salle	Avignon	194	219	92	0	1
13	Industrial	Saint-Joseph Saint-Pierre	Castres	65	306	0	0	0
14	Industrial	Saint-Joseph	Dijon	668	635	60	44	150
15	Industrial	Saint-Nicolas ASPM	Issy-Les-Moulineaux	211	267	0	285	0
16	Industrial	Sainte-Anne	La Motte-Servolex	62	344	0	46	7
17	Industrial	Saint-Joseph La Providence	Laxou	232	103	132	0	1
18	Industrial	Aux Lazaristes	Lyon	727	0	467	0	0
19	Industrial	Jean Baptiste de La Salle	Lyon	892	35	93	0	0
20	Industrial	Saint Jean Baptiste de La Salle	Nantes	426	512	185	80	1
21	Industrial	Avenir Jeunes Reims (AJR)	Reims	0	0	0	0	1
22	Industrial	Sainte-Geneviève-St.Joseph	Rodez	169	225	0	0	0
23	Industrial	Buzenval	Rueil-Malmaison	789	152	23	0	0
24	Industrial	Sainte-Barbe	Saint-Étienne	215	245	98	0	0
25	Industrial	Jeunes Sourds Plein Vent	Saint-Étienne	2	18	0	0	0
26	Industrial	Saint-François Saint-Joseph	Thonon-les-Bains	527	0	52	0	0
27	Industrial	Saint-Joseph	Toulouse	630	272	192	0	0
28	Industrial	Saint-Joseph	Vannes	193	665	188	0	1
29	Ind.tertiária	Sain-Genès	Bordeaux	621	342	0	0	0
30	Ind.tertiária	Sacré Coeur	Bourges	58	308	26	0	1
31	Ind.tertiária	La Salle –N.D. de la Compassion	Brest	1.295	757	294	0	0
32	Ind.tertiária	Godefroy-de-Bouillon	Clermont Ferrand	774	574	384	0	1
33	Ind.tertiária	Pasteur Mont-Roland	Dole	375	386	153	200	30
34	Ind.tertiária	Deforest-de-Lewarde	Douai	288	574	120	0	1
35	Ind.tertiária	Oeuvre de Guénange Richemont	Guénange	0	59	0	0	0
36	Ind.tertiária	Saint-Gatien	Joué-les-Tours	292	153	63	0	1
37	Ind.tertiária	Saint-Joseph	Lorient	477	689	144	0	0
38	Ind.tertiária	Sacré Coeur	Paray-le-Monial	152	431	0	9	13
39	Ind.tertiária	Sainte Elisabeth – Kersa	Ploubazlanec	0	323	32	0	0
40	Ind.tertiária	Saint-Joseph Lorraine	Fruillé-le-Chétif	149	349	27	0	0
41	Ind.tertiária	Le Likès	Quimper	1.355	547	308	0	0
42	Ind.tertiária	Saint-Jean Baptista de La Salle	Reims	209	371	90	0	1
43	Ind.tertiária	ISAIP-ESAIP	Saint Barthélemy d'Anjou	0	0	483	0	106
44	Ind.tertiária	Sacré Coeur	Saint-Brieuc	564	691	209	0	1
45	Ind.tertiária	La Salle.N.D, de Compassion	Saint-Denis	638	241	54	140	0
46	Ind.tertiária	Saint-Charles (Lycée)	saint-pierre la reunion	709	112	103	0	0
47	Ind.tertiária	Sain-Julien La baronnerie	saint-sylvain d'anjou	358	393	208	1	1
48	Ind.tertiária	Saint-Joseph	Troyes	170	687	109	0	1
49	Terciária	Saint-Joseph	Auxerre	361	148	50	0	0

⁴ Cabeçalho da tabela: Setor – Nome – Cidade – **legt**=Liceu de ensino geral - **lpro**=Liceu profissional - **sup**= Ensino superior - **cfa**= Centro de formação de aprendizes - **cfc**= Centro de formação contínua

50	Tertiaire	De La Salle	Metz	262	79	298	0	20
51	Tertiaire	Saint-Joseph du Loquidy	Nantes	630	123	0	0	
52	Tertiaire	Francs-Bourgeois	Paris	634	0	0	0	0
53	Tertiaire	Jeanne d'Arc	Reims	0	111	0	0	0
54	Tertiaire	Le Saint-Rosaire	Sarcelles	530	0	0	0	0
55	Tertiaire	Sainte-Anne	Verdun	283	144	148	0	0
56	MedicoSocial	Jean Baptiste de La Salle	Rouen	583	0	162	0	0

T O T A I S

Modalidade	Liceus de ensino Geral e Tecnológico	Liceus Profissionais	Ensino Superior
Agrícola	817	1.079	1.654
Industrial	6.381	4.578	1.654
Industrial Terciário	8.484	7.978	2.807
Terciário – Médico Social	3.283	482	781
TOTAIS	18.965	14.126	6.896

Observações

- Esta tabela foi organizada pelo Secretariado da Associação La Salle, mas foram feitas algumas modificações quanto à apresentação.
- O leitor perceberá a importância dos Liceus Profissionais no conjunto dos estabelecimentos, e sua presença e, grande número deles.
- Na rubrica : **legt**, (*Liceu de Ensino Geral e tecnológico*) não foi feita uma distinção entre os efetivos dos alunos cursando um ensino tecnológico e dos alunos das classes de ensino geral. Os números significativos são devidos geralmente à presença desses dois tipos diferentes de ensino. Aqueles com números mais baixos, geralmente refletem o fato de que se trata unicamente das classes de ensino tecnológico.

Conclusão

Tudo que foi referido neste caderno, somente encontra sua razão de ter acontecido, e estar acontecendo, em termos da motivação, que estimulou e nutriu as pessoas que idealizaram, mantiveram e traduziram em fato concreto esses projetos. Isto já se demonstrou evidente, mas é preciso evidenciá-lo um pouco mais.

Naquilo que diz respeito aos Irmãos, um deles, que toda a vida se dedicou, sobretudo, ao Ensino Técnico como professor e diretor, a resposta que deu como contribuição à pesquisa de coleção de dados sobre a *Memória Educativa Lassalista*, nos pareceu especialmente significativa. Foi-lhe solicitado que se manifestasse sobre os aspectos da vocação de Irmão. Ele escreveu:

Minha entrega total ao serviço aos jovens, desenvolvendo o sentido de uma escola de bom acolhimento, é certamente o aspecto fundamental de minha vocação. Eu tinha isto no sangue, assim como outros Irmãos o têm. Vivenciei minha vida como professor e como diretor para ajudar aos alunos e aos professores a se sentirem e serem efetivamente felizes na escola.

O que este Irmão expressou com tanta convicção, muitos outros Irmãos que vivenciaram os mesmos fatos e coisas, poderiam e haveriam de assinar o que ele escreveu. Aquilo que os motivou, foi o amor, que podemos classificar de “apaixonado”, aos jovens, quaisquer que fossem.

Como resposta à pergunta sobre a “pedagogia cristã”, o ponto de vista desse mesmo Irmão não é menos característica daquilo que os Irmãos daquela época pensavam. Eis o que ele escreveu:

Eu não me perguntava, - e penso que os outros também não se perguntavam - se nossa pedagogia era cristã. Nós não nos fazíamos essa pergunta. Nós nos dedicávamos totalmente, dia e noite sem contar, em dar o melhor de nós mesmos, para propiciar um máximo de formação intelectual, espiritual e física aos jovens, para lhes garantir o êxito e a preparação de seu futuro, e eu julgo que isto é o essencial.

Com certeza, esta maneira de se expressar bem demonstra que Irmãos, como ele, não acreditavam ser necessário justificar como aquilo que os motivava, encontrava sua fonte em sua fé cristã e seu compromisso religioso. Eles julgavam que era suficiente manifestá-lo mediante o que faziam e a maneira como o faziam. Portanto, era bem essa fé e esse compromisso que inspiravam profundamente sua maneira de ser e de atuar junto dos jovens.

Muitas vezes, limitados a algumas unidades apenas entre os Colaboradores Leigos, cujo número ia crescendo sempre mais, os Irmãos engajados principalmente no Ensino Técnico, souberam partilhar sua motivação, se não a todos, pelo menos a um número considerável daqueles que atuavam com eles. Pelo que acabamos de dizer dos Irmãos, é fácil deduzir que, de forma alguma, foi mediante exortações, mas por uma espécie de osmose, que conquistavam inclusive a pessoas afastadas da fé cristã ou mesmo estranhas a ela. Essa influência exercida pelos Irmãos, em seu conjunto, se patenteou quando os leigos assumiram o encargo de estabelecimentos lassalistas. A gente se surpreende ao verificar, por exemplo, a semelhança de linguagem deles com a dos Irmãos, ao lembrar a maneira com estão levando adiante sua obra. Para exemplificar isto, citamos uma passagem do livro escrito pelo senhor *François Velut*, sobre *Saint-Joseph de Troyes*:

Acreditamos poder asseverar que as preocupações de São João Batista de La Salle sobre a educação dos menos favorecidos, ainda hoje, constituem os fundamentos da escola.

Com certeza, São João Batista de La Salle se abriu a formações mais avançadas, e se sente feliz, pois numerosos rapazes e moças, depois de se verem orientado para o fracasso - e a não se orientarem de maneira positiva - depois da 5ª ou da 3ª, voltaram a encontrar gosto e sentido para a vida, graças a um ensino mais concreto. Muitos deles retomaram os estudos depois de um BEP. Puderam avançar até o Bacc., o BTS, ou o DUT, inclusive na formação de engenheiro, quando o colégio os havia condenado irremediavelmente...Quanto àquelas e aqueles que passaram à vida ativa depois de seu CAP, seu BEP, ou seu Bacc. Profissional, o essencial, acaso, não seria o fato de terem encontrado novamente o gosto pela vida e a formação, de serem felizes em sua vida profissional e familiar? (Pág. 188).

Quer se trate de Irmãos ou de Leigos, encontra-se a mesma fé naquilo que consideram uma missão junto aos jovens. Claro que, nem todos padecem uma situação difícil, mas o número daqueles que a superam de maneira mais ou menos estável, justifica que a gente se entregue sem reservas a essa missão. E, ainda que seja o caso de muitos outros nos estabelecimento lassalistas, no Ensino Católico e no Ensino Público, é certo que tais pessoas são o suficientemente numerosas nos Centros, e particularmente nos de ensino profissional da Rede Lassalista, para este fato merecer ser ressaltado.

Com certeza, seria necessário poder verificar se os resultados obtidos correspondem às intenções expressadas. Mas, em definitivo, parece garantido asseverar que, aquilo que os Irmãos emprenderam e levaram a bom termo mediante sua entrega e tenacidade, graças aos Colaboradores Leigos que assumiram cargos e importância, desembocou em resultados inimagináveis há anos passados, mas conformes às mesmas intenções.

Questionário final – Para reflexão pessoal e em grupos

1. Que reação geral provocou em vocês a primeira parte deste caderno – até a 2ª Guerra Mundial – com referência ao tipo de obras mantidas pelos Irmãos? – Quais são os elementos dominantes?
2. Como avaliam vocês a contribuição do Instituto para o ensino técnico na França, durante a 2ª metade do século XX?
3. Nestas últimas décadas, um grande obstáculo tem sido o decréscimo progressivo dos Irmãos nas obras educacionais do país. Como julgam vocês a solução adotada, e os esforços para a “supervisão” e a “Rede de Centros Lassalistas”? – Quais seriam os desafios e as potencialidades desta solução adotada?